

A árvore nasce ao sol com beleza imprevista,
Vencendo a expectação da gleba taciturna...

Ausculta, assim também, a solidão da lousa...
Nem fala que a revele ou força que a transporte...
Tudo aparente inércia ao lodo em que se olvida!

Entanto, à plena sombra, em que a cinza repousa,
Onde se junge o caos à escuridão da morte,
28 Emerge, soberana, a excelência da vida...



FRANCISCA JÚLIA da Silva *



A D E U S

28. Não obstante o poeta, em algumas de suas composições, tais como "Introspecção" e "A um descrente", deixe transparecer, pelo menos intuitivamente, ideias reencarnacionistas, pedimos vénia para transcrever-lhe, aqui, o soneto "A Árvore" (*apud Pan.* V, págs. 157-158), escrito por ele quando se achava no Plano Físico, a fim de comprovar que "Nem tudo é silêncio" revela a preocupação do poeta de desfazer a ideia negativa que existe em "A Árvore":

"Hirta, negra, espectral, chora talvez. Responde
Seu próprio choro à voz do vento que a fustiga,
Ela que ao sol floriu, floriu às chuvas, onde
A paz é santa, o campo é doce, a noite é amiga...

Essa que esconde a chaga, essa que a história esconde,
Que conhece a bonança e a borrasca inimiga,
Já foi flor, foi semente, e, sendo arbusto, a fronde
Ergueu para a amplidão às aves e à cantiga.

Que infinita tristeza o fim da vida encerra
A quem já pompeou do Sol na própria luz.
As flores para o céu e a sombra para a terra!

Foi semente, brotou... Árvore transformada,
Sorriu em cada flor; e hoje, de galhos nus,
Velha, aguarda a tortura estúpida do nada!"

1 Na agonia da luz o astro-rei purpurina...
Leves tarjas de noite a manchar o horizonte...
Uma estrela a piscar remove a névoa fina
E espelha-se, feliz, no regato defronte...

6 Soluça um pombo além e se alteia e se inclina
E voa sem que o Sol novo rumo lhe aponte...
Humilde rola chora a gemer na campina,
Alheia ao prado em flor e à carícia da fonte...

(*) Conquanto apresente a poesia de FJ alguns defeitos formais, é considerada a maior poetisa parnasiana, «maravilhoso poeta, um dos mais originais do Brasil», no dizer de Vicente de Carvalho (citado no *Pan.* III, pág. 248). Versejou em importantes periódicos de S. Paulo, e na *A Semana*, do Rio. João Ribeiro, Olavo Bilac, Agrippino Grieco e até mesmo Machado de Assis teceram largos elogios aos versos de Francisca Júlia, versos que plasmaram o ideal extremo da beleza, segundo

Chega a sombra afinal... Aparece a tristeza
No arrulho que ficou por gemidos em bando,
Quais cordas a estalar numa lira retesa...

- 12 Assim, num dia assim, a morrer sem alarde,
13 Chorando eu disse adeus e ele partiu chorando,
14 A renascer na Terra onde estarei mais tarde...



as palavras de Manuel Bandeira (apud *Dic. Aut. Paulistas*, pág. 580). Em torno de sua desencarnação, diz Péricles Eugênio da Silva Ramos: «O que de positivo pude apurar, ouvindo testemunhas até oculares, foi que no dia da morte de Edmundo (Filadelfo Edmundo Munster) a poetisa se retirou para repousar. E não mais acordou, apesar dos esforços médicos para reanimá-la, vindo a falecer na manhã do dia do enterro do marido.» (*Poesias*, pág. 21.) (Xiririca, atual Eldorado, Est. de S. Paulo, 31 de Agosto de 1874 — S. Paulo, 1º de Novembro de 1920.)

BIBLIOGRAFIA: *Mármores*; *Esfinges*; etc.

1. *purpurina*. Francisco Fernandes regista em seu *Dicionário de Verbos e Regimes* apenas os verbos *purpurear*, *purpurar*, *purpurejar* e *purpurizar*. Belíssimo, no entanto, este *purpurinar*.

6. Polissíndeto: "E se alteia e se inclina/ E voa..."

12. Mesarquia: "Assim, num dia assim..." — Cf. nota 7, pág. 42.

13. Epanalepse: "Chorando eu disse adeus e ele partiu chorando".

14. Neste soneto, que plasma a beleza que soube gravar em "Crepúsculo", "Natureza" e em tantos outros sonetos famosos, fala-nos a poetisa sobre a reencarnaçāo — parece-nos que do seu marido — e de sua volta à Terra, mais tarde, para o resarcimento das dívidas com a Lei de Causa e Efeito.

A fim de que possamos observar o estilo da artista de *Mármores*, vamos transcrever-lhe apenas o primeiro quarteto de "Angelus", soneto dedicado a Filinto D'Almeida:

"Desmaia a tarde. Além, pouco e pouco, no poente,
O sol, rei fatigado, em seu leito adormece:
Uma ave canta, ao longe; o ar pesado estremece
Do Angelus ao soluço agoniado e plangente."

(F. Júlia, *Poesias*, pág. 113.)

WENCESLAU José DE Oliveira QUEIROZ *



QUANDO
JESUS
PREGAVA

Quando Jesus pregava, o mundo delirante
Ouvia emocionado os poemas divinos...
Na palavra da Fé, a harmonia estuante
Rededilhava nalma os mais formosos hinos...

5 A Natureza inteira, o Infinito distante,
Os roteiros da Dor e os sonhos peregrinos
Recolhiam da voz do Excelso Viandante
As Canções da Bondade e os Celestes Ensinos.

(*) Poeta, jornalista, conferencista, crítico literário e polemista ardoroso, foi Wenceslau de Queiroz um dos precursores do Simbolismo entre nós, e um dos fundadores da Academia Paulista de Letras, aí tendo ocupado a cadeira nº 9. Bacharel em Direito e Juiz Federal em S. Paulo, era um dos companheiros mais assíduos de Emiliano Perneta. Redator-chefe do *Correio Paulistano*. Alma afetiva e coração sensível, viveu uma existência amargurada. Ezequiel Freire chamou-lhe «Baudelaire paulis-